

# UM PROFETA VIVE ENTRE NÓS



Ao que me consta, Josué, Odylo, Sarney, Burnett, Oswaldino, Arlete, Nauro, Jomar, Chagas, Carlos Cunha, Américo, Evandro Sarney e outros cantarão o poeta que tantos cantores merece. É certo que a honra de um poeta reside em ser simplesmente poeta, pois já é mensagem, a partir da própria condição. Porém existe uma outra honra que transpira da mensagem, que evolui do recado, que culmina nas opções por ele desencadeadas. A todos esses amigos, portanto, junto-me para olhar no rosto o profeta que drapeja em Bandeira, verdejando safras para nossa fome.

Julgam alguns ser o profeta aquele que prediz o futuro. Não. Predizer o futuro pertence aos futurólogos, essa espécie já em extinção, de tal modo o porvir escapa a qualquer prospectiva.

Profeta é um amor clamante por amor ao homem; para que o homem não traira suas raízes; para que o homem não comprometa a humanização do mundo. Profeta é um microfone personalizado, a serviço do humano no homem. Quando Bandeira Tribuzi mostra "uma bala voando / ... sobre quem constrói o mundo / manha para o sol de um dia", está transformando pedras em tijolos. Embalando o espírito, está construindo o mundo, coerente com o que pensa sobre a "arte, coisa social" com sabor de "pão sonoro".

Estas duas expressões geradas no ventre lírico do poeta Tribuzi, definem o profeta Bandeira. "Pão sonoro", cantante e nutritivo da "arte, coisa social".

Jochanan, dentre os maiores profetas nascidos de mulher, autodefiniu-se na famosa resposta:

— Quem és tu? perguntaram-lhe.

— Eu sou a voz que clama no deserto.

Eis o profeta esculpido com palavras, vitrinizado. "Voz que clama no deserto" para que os homens não percam o direito de clamar; para que os sem voz passem a ter voz; para que a tenda do homem não seja o deserto.

No vocabulário profético, deserto não é realidade vazia, mas violenta.

Eis o deserto onde Bandeira Tribuzi clama: — "E o dividido campo se fez guerra / quando um irmão no outro cavalgava. / ...Eis o irmão corruto, avaro e torvo / ruflando suas negras asas — corvo / de nunca mais amor nem alegria. / No campo profanado a noite enorme / e a fauce do homem devorando o homem: / lobo mordendo lágrimas e vidas! / ... Oh mundo imundo! Oh joio desta vida / comprada, vil, vendida, subtraída!" (A máquina do mundo).

Mas não apaga aí o clamor, para que o deserto se torne "a terra, mãe oferecida / a seus filhos, árvore de alegria" que "se cobrirá de frutos e ternura" onde "todos mastigarão aquele pão / que todos semearem e colherem / e será doce essa palavra irmão / que os tempos anteriores não souberam!"

Eis o achado intuitivamente bíblico de Bandeira Tribuzi: Se o poeta é um cantor, o profeta é um irmão ("palavra doce").

Na medida em que o poeta ama o homem e a humanidade, fazendo da voz um baluarte em defesa do ser humano prisioneiro, violentado, prostituído, nessa medida torna-se profeta, mais que o trovador de uma Beatriz.

Em Pele e Osso, que é uma brilhante meditação sobre o mistério do complexo habitante deste planeta, o profetismo de Bandeira Tribuzi invade a vida, alça voos, antroponáuticos. "Os cavalos HP rodam a sina / de turbinas e usinas assassinas. / Ervas pastam nos campos os cavalos. / Os cavalos da usina pastam gente. / ... No cavalo do campo monta a sorte, / a dor, o esforço, a própria vida humana. / No cavalo da usina monta a morte".

E não finda aí. O profeta prossegue levando longe essa voz para a qual falta horizonte nos parâmetros de uma página.

Contudo se o exercício do poeta é a palavra, o tirocinio do profeta pode ser o silêncio.

Há música e força e mensagem no silêncio de certas atitudes, como há música e força e beleza na pausa das sonatas. E até este recurso Bandeira Tribuzi usa na partitura profética que tem sido sua vida. Os meios de comunicação possibilitam-lhe esplêndidas gestações no ventre da redação. A clausura, que ontem era incompatível com a vocação profética, hoje é perfeitamente funcional. E como! Agora nenhum Natan precisa usar os pés para chegar até o tímpano do Rei, para alcançar o ouvido do povo.

Aliás, esta é outra dimensão essencial do profeta, e que pode inexistir num grande poeta. Relação social, vínculo populista, liame comunitário.

Admirável é que Bandeira Tribuzi não se conformou em vivenciar esta dimensão apenas verbalmente, mas nela empenhou todo o seu ser existencial. Engajou-se inteiro, equipando o poeta, adestrando-o com o instrumental do economista, com o cabedal do sociólogo, porque sabe que tais valores decidem a sorte terrestre do homem. Para que o homem não se torne "pele e osso", esta é a motivação que levou o profeta Bandeira Tribuzi a requisitar os estudos do economista e do sociólogo; a exigir a formulação do poeta e a versatilidade do prosador, num inteligente testemunho fraterno, através de cursos, seminários, palestras, aulas, ultrapassando a tribuna da imprensa.

Não resta dúvida. Dentre todas as marcas proféticas, a mais eloquente é a autenticidade. Coerência entre falar e agir, entre prostrar e atuar; harmonia entre o arauto e o homem.

Agora, Ana Amélia, eu te pergunto:

— Quem dizem os homens que é teu pai?

Sei que me responderás:

— Dizem que é da estirpe do mesmo que amou aquela cujo nome é o meu.

— Não só, Ana Amélia. Não só. Também um profeta te trouxe para a alegria de viver. Aprende e não esqueças, minha garota. O poeta teu pai tem escrito e tem cantado, tem suado e tem sofrido, para que todos os seus companheiros de existência, todos, se assentem no banquete da vida.

**João Mohana**